

O "CONTINUUM" LÍNGUA ORAL E LÍNGUA ESCRITA:  
POR UMA NOVA CONCEPÇÃO DO ENSINO

Eunice Pontes (UFMG)

Pelo que todos nós poderemos observar, o ensino de Língua Portuguesa tem sempre privilegiado a modalidade de língua escrita e desprezado a língua oral. A língua coloquial tem sido desprezada até mesmo pelos linguistas. São poucos os que fazem dela seu objeto de estudo.

Ultimamente, este preconceito está mudando entre alguns linguistas. Sabemos que os sociolinguistas bem como os Analistas do Discurso, tomam como seu objeto de estudo a língua oral, espontânea, informal.

Alguns estudiosos, sobretudo a partir de 1980, têm enfrentado seriamente o estudo das diversas modalidades ou variedades de língua. Quero ressaltar os trabalhos de Deborah Tannen e Wallace Chafe. Suas pesquisas e as de outros pesquisadores têm mostrado como é difícil distinguir de maneira objetiva essas modalidades. Na verdade, Deborah Tannen acredita que há um continuum língua oral/língua escrita, e este é o título de um de seus artigos. Em artigo publicado na Language em 1982 ela analisa narrativas orais e escritas do mesmo acontecimento, feitas pelas mesmas pessoas e mostra, ponto por ponto, que características que têm sido consideradas típicas de língua oral, como por exemplo o envolvimento, são encontradas na literatura e que características consideradas como típicas de língua escrita, como a compactação, ou integração, às vezes estão mais presentes na narrativa oral do que na escrita literária. Ela mostra, particularmente, que a língua oral das narrativas espontâneas está muito mais próxima da linguagem do conto do que de outras modalidades. O que é preciso, segundo ela, é levar em conta o gênero de texto: comparar, por exemplo, a linguagem de tese com narrativa oral informal vai dar uma série de diferenças que podem ser devidas não ao fato de se tratar de língua oral ou escrita, respectivamente, mas sim ao gênero de texto.

Neste trabalho, vou partir dessas constatações de D. Tannen (1982) e das descobertas de G. Lakoff e M. Johnson (1980) sobre as metáforas para ressaltar aqui a necessidade de que se combata o fosso que o ensino de língua portuguesa tem cavado entre a língua coloquial a literária. Acredito que, se dermos mais atenção, sem preconceitos, à língua coloquial, descobriremos que entre ela e a língua literária contemporânea existem muito mais semelhanças do que se pensa. E me parece muito

mais lógico partir da modalidade de língua oral, que tanto o aluno quanto o professor dominam, para se chegar ao ensino da escrita. Desta maneira, diminuem as dificuldades que o aluno tem que enfrentar ao aprender a modalidade escrita: em vez de se insistir num ideal de língua abstrato, formal, distanciado da realidade de todo o mundo, privilegiar estas duas modalidades, a língua coloquial, oral, e a língua escrita literária contemporânea, que, todos sabemos, cada vez mais busca sua inspiração na língua cotidiana.

Para dar um exemplo concreto a vocês de como a língua literária e a coloquial se parecem, e se interpenetram, vou tomar uma crônica de um grande escritor contemporâneo, respeitadíssimo por suas qualidades de escritor e pelo exemplo de boa linguagem: Anibal Machado. Vamos ver uma crônica sua, O grande clandestino, que trata do tempo. Como ela é toda metafórica, a começar pelo título, ela nos remete ao trabalho citado de Lakoff e Johnson.

G. Lakoff e M. Johnson (1980) mostraram como as metáforas são importantes na língua do dia-a-dia. Até então, estávamos acostumados a pensar que metáfora só era importante para a literatura. A Linguística, até bem recentemente, não se interessava por estudar metáfora, que era considerada como uma mera "figura de linguagem". O trabalho registral desses autores mostra como as metáforas estruturam nosso pensamento. Quando pensamos em certos conceitos abstratos, como tempo, por exemplo, nós o fazemos sobretudo através de metáforas. O estudo das metáforas revela que elas fornecem o meio de falar desses conceitos (como o tempo, por exemplo) de uma maneira coerente. Isto significa que nós estruturamos esses conceitos de maneira metafórica. Mas como essas metáforas estão incorporadas ao nosso dia-a-dia, nós esquecemos que elas são metáforas. A metáfora "tempo é dinheiro" é um exemplo - ela informa uma série de expressões metafóricas como "Estou perdendo tempo", "ganhando tempo", "investindo tempo", "economizando tempo", etc. Por trás dessas maneiras tão comuns de falar do tempo está uma concepção que os autores acham que só poderia ter nascido em uma sociedade capitalista, em que o tempo significa, literalmente, dinheiro, na medida em que nosso trabalho é pago em termos de horas, dias, meses e anos.

Esta concepção mercantilista de tempo informa todo nosso cotidiano, influencia nossas ações, e nos faz viver em função dela. E nunca paramos para pensar o que é o tempo independentemente desta visão culturalmente formada.

Estas metáforas que estruturam um conceito (ex. tempo) em termos de outro (ex. dinheiro) são chamados por Lakoff e Johnson de estruturais. Elas, segundo eles, estruturam nosso sistema conceptual de maneira sistêmica.

Existem outras metáforas que eles chamam de orientacionais, porque estão ligadas à orientação espacial. Ela "surge do fato de que temos corpo do tipo que temos e de que funciona da maneira que funciona em nosso ambiente físico" (1980:14). Um exemplo é que em algumas culturas, como a nossa, o futuro está na nossa frente e o passado está atrás. Segundo eles, há culturas que concebem o futuro atrás. Mas nós dizemos: "Daqui prá frente, tudo vai ser diferente", "De lá para cá tudo mudou", usando os advérbios de lugar cá, aqui, que indicam o lugar em que o falante es-

tá, para indicar presente (ou seja, o momento da fala), frente para indicar futuro e lá (que indica lugar afastado do falante) para passado. Dizemos também: "Se olharmos para trás, a situação era ainda pior" - trás indicando passado.

Outra maneira de compreender e lidar com conceitos abstratos como tempo é transformá-los em entidade - coisas ou seres. A partir daí, passamos a tratar conceitos como tempo como se fossem seres - coisas, animais ou pessoas. São as metáforas ontológicas. Assim, em português nós dizemos, normalmente, que o tempo "passa", o tempo "voa", o tempo "corre", o tempo "para", ou seja, o tempo, segundo Lakoff & Johnson, é concebido como um objeto que se desloca no espaço. Eu colhi um exemplo interessante, por acaso, que ilustra bem esta concepção do tempo como objeto que se desloca no espaço. Um colega meu, aflito numa reunião do Departamento, desenhou uma arpusheta com asas, e me comunicou: "O tempo voa".

Uma espécie de metáfora ontológica é a da personificação, quando atribuímos ao tempo ações como que voluntárias, ao falar de "seus estragos", "suas destruições". Dizemos que o tempo "destrói as coisas e as pessoas", "envelhece a gente", "faz a gente ficar mais sábio", ou "mais amargo", etc. Ele às vezes é visto como um inimigo, ou como um aliado, como quando dizemos: "O tempo corre contra nós" ou "O tempo está do nosso lado", "está nos favorecendo", "está nos prejudicando", etc.

Um ponto importante para o qual Lakoff & Johnson também chamam atenção é que as metáforas iluminam certos aspectos e escondem outros. Por exemplo, quando vemos tempo como dinheiro, enfocamos apenas certos aspectos, dizendo que "economizamos", "investimos", "ganhamos tempo", mas não podemos, por exemplo, dar troco de tempo a uma pessoa como se faz com dinheiro. É nesse ponto, dizem eles, que entra a linguagem poética, que estende a metáfora de maneiras que a língua comum não estende. O exemplo que eles dão é que podemos considerar idéias como objetos (dizemos "minha cabeça está cheia de idéias"), mas não dizemos que elas estão enbrulhadas em belas roupas.

O que é importante observar é que essas metáforas são tão poderosas que a gente passa a conhecer o tempo através delas. Eu quase não consigo imaginar uma maneira de falar do tempo (e de pensar) a não ser metafóricamente. E essas maneiras metafóricas de falar se incorporaram à nossa vida de tal modo que a gente passa a viver regido por elas.

Lakoff & Johnson chamam a nossa atenção para o fato de que há verdadeiros sistemas metafóricos e que nós podemos, através deles, compreender de que maneira nós concebemos a realidade.

Passemos a olhar a crônica, à luz da obra de Lakoff & Johnson. A primeira metáfora (tirando o título, que é uma metáfora criativa) é a passagem do tempo, em que o tempo é visto como um objeto que se desloca no espaço (metáfora ontológica). No segundo parágrafo aparece o verbo passar, novamente, e o substantivo velocidade. Em seguida, ele usa a metáfora do tempo como um ser (vivo ou objeto?), falando do estrago que ele causa. Vejam, depois, o verbo de ação fazer (fizesse, tem feito), e ainda a referência tempo e pessoa (personificação), e à sua maneira de trabalhar,

"seu trabalho". Mais adiante ele quer "obrigá-lo", e diz que "O tempo tudo transforma e arrasa". Sugere que "façamos dele um aliado", diz que "ele não repousa nunca", "fugiu para sempre", "se esqueceu". "Rói as pedras como o vento, rói os ossos como um cão". Fala da "delicadeza com que pratica essas violências" e da sua "impassibilidade". Nesta altura, ele volta a usar a concepção de um objeto que se desloca no espaço: "aumenta de velocidade", "quase pára".

Em "passagem, como a de um animal na noite" ele mistura objeto com pessoa. "Chego quase a tocar nele", "vendo-o passar", "como se diverte", "destruir uma árvore...", "se retira", "prosegue", "Ele corre", "Seu propósito é envelhecer o mundo".

A figura que emerge do tempo nesta crônica, a meu ver, é a da fusão da metáfora de um objeto que se desloca no espaço com a personificação/animalização. E fica a idéia de um ser, uma pessoa (ou animal?) que passa correndo por nós. Mas ao mesmo tempo, em alguns momentos ele diz que o tempo está dentro de nós, "de alguém ou de um objeto": "O tempo fica assim tão escondido dentro de nós...".

O que se pode dizer a respeito da linguagem que A. Machado usa nesta crônica? Por um lado, ele usa algumas expressões super-corriqueiras para se referir ao tempo, expressões que estão consagradas na língua diária, como "o tempo corre", "passa", "pára". Além disto, ele constrói sua crônica toda baseada na concepção do tempo que é corrente e estrutura este conceito na base das metáforas do objeto que se desloca no espaço e do ser que age sobre nós e o mundo. Há, porém, um algo mais, que é, em primeiro lugar, fundir as duas concepções, a de um objeto e a metáfora do ser vivo, sugerindo ora um animal ora uma pessoa (não fica claro) que corre, que passa, que voa e que age. Em segundo lugar, ele cria em cima dessa concepção um quadro meio fantasmagórico, meio terrível, como se houvesse um ser (talvez mitológico, mas de qualquer modo misterioso) deliberadamente agindo assim conosco e com o mundo. A metáfora (criativa) "do animal na noite" ajuda a criar o clima. Creio que sua originalidade está em que, a partir das concepções metafóricas que a língua lhe fornece, leva essas concepções às últimas consequências, montando uma atmosfera, um quadro vivo, como se fosse uma peça de teatro, em que tudo se anima. Me parece que a percepção do artista capta o que a alma popular lhe fornece e compõe o quadro a partir daí, em que, inclusive, o que está por trás das metáforas fica a nu. Creio que não é demais dizer que Anibal Machado acaba mostrando, revelando, na crônica, o que G. Lakoff e M. Johnson mostram no livro: a concepção anímica que está por trás de nossas idéias de tempo.

Note-se que, embora o autor se baseie nas metáforas que a língua lhe fornece, ele produz uma crônica em que a linguagem, embora simples, cotidiana, é combinada de forma original. A linguagem é coloquial e ao mesmo tempo é literária. Não é fácil dizer quais as semelhanças e as diferenças. É o continuum de que fala Tannen.

G. Lakoff e M. Johnson distinguem as metáforas criativas das que eles chamam "literais". As literais são as que informam nosso dia-a-dia. O que A. Machado



faz é estender as possibilidades que a língua lha oferece e criar a partir daí.

A metáfora "o grande clandestino" para se referir a tempo é original, mas se baseia também nas concepções metafóricas de tempo da língua do dia a dia, porque clandestino é um passageiro, e isto nos remete a "o tempo passa", "passagem", etc.

Lakoff e Johnson mostraram como a inflação pode ser também personificada e vista como um adversário, daí falamos em lutar contra a inflação, derrotá-la, vencê-la, etc.

Ana Maria Almeida, minha colega da área de Literatura, lembrou-me que a gente quando tem de lidar com conceitos que nos perturbam, como o tempo, que é um enigma, para nós - tentamos transformá-los em algo com o qual podemos lidar, como um objeto ou ser. Um exemplo disto é a esfinge, que tem corpo de leão e cabeça humana.

É o que faz A. Machado, ao pensar em transformar o tempo em nosso aliado, ou então em obrigá-lo. Nesta crônica, o tempo aparece como um adversário nosso, tanto mais terrível quanto a gente não sabe se ele é objeto, animal ou pessoa, se está dentro ou fora de nós e nem mesmo se ele existe. Mas por fim, numa tentativa de otimismo, ele diz que, embora o "seu propósito" (propósito remete a pessoa) seja envelhecer o mundo, o mundo renasce sempre para o tempo.

Lakoff e Johnson mostram como as diversas metáforas que estruturam um conceito são coerentes entre si. O que possibilita essa coerência é a sobreposição de suas implicações. Nesta crônica, pode-se ver claramente como as diferentes metáforas que estruturam o conceito tempo se sobrepõem, a ponto de não sabermos onde termina a metáfora do objeto e começa a de animal, onde esta termina e começa a de pessoa. Em vários enunciados, poderíamos dizer que se trata apenas de um objeto, como acontece nos primeiros parágrafos da crônica. Um objeto pode passar, pode voar. Já quando ele fala em tempo "em pessoa" a personificação fica mais clara, bem como em "aliado". Em seguida, ele se refere à impressão de que o tempo "se esqueceu", coisa que não pode ser atribuída a um objeto. O verbo pernoitar, usado em seguida, também denota ação própria de um ser vivo, como as ações de roer (como um cão) e praticar violências. Logo vem a comparação com o animal na noite e depois, "como se diverte". Aí, temos claramente a animação, que se repete quando ele fala em "seu propósito". O clima de mistério que ele cria é possibilitado pelo fato de que tanto um objeto quanto um animal (e em pessoa) podem ter movimento e podem causar estragos, embora só os seres vivos possam "causar" com propósito.

## O grande clandestino

Anibal Machado

Eu me distraio muito com a passagem do tempo.

Chego às vezes a dormir. Durmo meses e anos. O tempo então aproveita e passa escondido. Mas que velocidade!

Basta ver o estado das coisas depois que desperto: quase todas fora do lugar, ou desaparecidas; outras, com uma prole imensa; outras ainda, alteradas e irreconhecíveis.

Se durmo de novo, e acordo, repete-se o fenómeno.

Sempre pensei que o tempo fizesse tudo às claras. Oh, não!

Eu queria convidá-los a assistir ao que ele tem feito comigo. Mas é espetáculo todo íntimo e não disponho de tribunas.

Além do mais, o tempo em pessoa é praticamente invisível, como a ventania. Só se pode apreciar o resultado de seu trabalho, nunca a sua maneira de trabalhar.

O que é preciso é nunca dormir e ficar vigilante para obrigá-lo a menos a disfarçar a evidência de suas metamorfoses.

É de fato penoso deixar de ver as coisas tais como as vimos a primeira vez. O tempo tudo transforma e arrasa, sem nos dar aviso.

Ora, isso entristece. Isso nos deixa intranquilos. A não ser que nos misturemos com ele, façamos dele um aliado.

Aí, sim, destruição e reconstrução se confundem. Sacos e sacos vão se enchendo e esvaziando toda a vida. Perde-se até a ideia da morte. Então a gente aproveita para erigir sistemas, tomar iniciativas, amar, lutar e cantar. O tempo fica assim tão escondido dentro de nós, que se tem a impressão que fugiu para sempre se esqueceu.

Em verdade, ele não repousa nunca. Nem mesmo nas pirâmides. Nem nos horizontes onde parece pernoitar.

Rói as pedras como o vento, rói os ossos como um cão. O que mais admira é a extrema delicadeza com que pratica essas violências.

Todos falam de sua impassibilidade. Não é bem isso. Tanto assim que aumenta de velocidade, à medida que nos distanciamos de nossas origens. E quase pára quando o esperamos na solidão.

Meu mal é sentir-lhe a passagem como a de um animal na noite. Chego quase a tocar nele. Fico horas à janela vendo-o passar. É um vício.

Oh, como se diverte! Para ele, destruir uma árvore, um rosto, uma instituição, uma catedral - tanto faz.

O desagradável é quando de repente se retira dalgum objeto ou de alguém. É claro que prossegue depois, mas deixa sempre uma coisa morta. Franqueza, nes-

sa hora dá um aperto no coração, uma nostalgia!...

Contudo não se deve lugar demasiada importância ao tempo. Ele corre de qualquer maneira.

E é até possível que não exista.

Seu propósito evidente é envelhecer o mundo.

Mas a resposta do mundo é renascer sempre para o tempo.

---

#### BIBLIOGRAFIA

CHAFE, Wallace e Danielewicz. "Properties of Spoken and Written Language." To appear in Rosalind Horowitz e S.J. Samuels (eds) Comprehending Oral and Written Language. New York: Academic Press, s/d.

CHAFE, Wallace. "The Deployment of Consciousness in the Production of a Narrative." Em: Chafe, W. (ed) The Pear Stories. Cognitive, Cultural, and Linguistic Aspects Of Narrative Production. New Jersey: Ablex, 1980.

LAKOFF, George e Johnson, Mark. Metaphors we live by. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

MACHADO, Anibal. "O grande clandestino". Em: Seleção em Prosa e Verso. Rio: José Olympio, 1974.

TANNEN, Deborah, (ed). Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy. New Jersey: Ablex, 1982.

TANNEN, Deborah. "The Oral/Literate Continuum in Discourse." Em: Tannen, D. (ed) Spoken and Written Language. New Jersey: Ablex, 1982.

\_\_\_\_\_. "Oral and Literate Strategies in Spoken and Written Narratives" Em: Language, 58, 1, (1982), 1-21.